



OS BONS TEMPOS DA RÁDIO EDUCADORA DA BAHIA

Ayêska Paulafreitas

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, Bahia

Enquanto um pássaro voa / um outro pausa.
Deus ama a todos / mas curte mais / quem ousa.
(Luis Galvão)

A MUDANÇA

Quem é funcionário público conhece bem a rotina. Sempre que muda o governo, mudam, em cascata, as lideranças em todos os níveis. E aí, das duas uma: ou a transição se faz em rodízio de cargos, e permanece tudo como antes, ou a nova equipe chega, como se diz, querendo mostrar serviço e começa “consertando os erros” da gestão anterior. Um dia, descobrem a pólvora e apresentam como novas as experiências já realizadas em outros tempos. Quem fica muitos anos no chamado serviço público vê a história se repetir em ciclos, e isso acontece também nas emissoras educativas atreladas ao Estado. Como se sabe, um dos empecilhos para o bom andamento dos trabalhos nessas emissoras é a sua estrutura de funcionalismo público, incluindo-se a burocracia, a falta de autonomia e a acomodação. Mas nos meus dezoito anos de funcionária pública radialista fui testemunha de um raro momento da Rádio Educadora, Bahia, quando ela realmente funcionou como uma rádio cidadã.

Era 1987, a Bahia dava uma virada política, e iniciava-se um governo com propostas democráticas. Waldir Pires havia sido eleito por uma ampla frente de oposição que reuniu forças algumas vezes conflitantes, mas todas impulsionadas pelo desejo comum de reverter uma situação de poder que se mantinha desde os tempos da ditadura. Como qualquer mudança radical, o novo governo desestruturou o estabelecido, provocando um movimento que desbancou lideranças cristalizadas, e fez ascender pessoas antes sequer pensadas para a tomada de decisões. Como em qualquer mudança radical, muita coisa não deu certo, mas, pelo menos, estávamos caminhando corajosamente em direção ao novo. Em vários setores do Estado, suscetibilidades feridas se manifestaram com indignação e revolta, acostumadas que



estavam a posições privilegiadas às quais muitas vezes tinham chegado – e nas quais tinham se mantido - por critérios de apadrinhamento. Esse quadro de desestabilização se refletia em todos os escalões, e não foi diferente na Rádio Educadora¹ (RE) da Bahia, quando uma nova equipe assumiu o comando, liderada por José Wilson Lopes Pereira, ou simplesmente Zé Wilson, como preferia ser chamado. Mas, para compreender a mudança, vamos conhecer os antecedentes.

RETRATO DA RÁDIO EDUCADORA ANTES DE ZÉ WILSON

Nessa época, como ainda hoje, a RE integrava o Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia - IRDEB, uma fundação vinculada à Secretaria de Educação do Estado da Bahia², que tinha a finalidade de promover educação a distância através de multimeios, distribuídos em 3 centros: o Centro de Rádio - CRA, o Centro de TV - CTV, onde funcionava a TV Educativa, TV-E, e o Centro de Material Impresso - CMI.

O Centro de Rádio se dividia em duas gerências – Produção e Jornalismo – que alimentavam a programação de duas emissoras, uma em ondas curtas, outra em frequência modulada, cada qual contando com a fidelidade de seu público específico.

A OC mantinha uma programação montada nos moldes de uma AM tradicional, loteada em extensos programas de 4 horas comandados por comunicadores de forte carisma, a exemplo de Lívia Silva, Sônia Medeiros, Pedro Santiago, Lourival Oliveira e Nilton Spínola Cardoso, que tinham o justo orgulho de estampar cartas recebidas de toda a parte – desde o outro lado do mundo, o Japão, até o mais esquecido pedaço do interior nordestino. Mas, devido a questões técnicas e inerentes às próprias ondas eletromagnéticas, não tinha público em Salvador.

A FM tinha sua programação dirigida a um público residente na capital, formado por adultos das classes A e B, em sua maioria profissionais liberais e estudantes universitários. À exceção dos programas especiais de música erudita, só veiculava música brasileira, como, aliás, prometia o slogan “Só dá Brasil”. Os locutores de horário se limitavam a anunciar

¹ - A Rádio Educadora FM foi fundada em 31 de março de 1978.

² - Ainda hoje a RE (agora com uma única emissora em FM) pertence ao IRDEB, mas este está vinculado à Secretaria de Cultura e Turismo.



músicas, dar a hora certa e apresentar boletins, sempre de modo impessoal, seguindo o austero modelo da Rádio Jornal do Brasil FM.

Os programas de cunho educativo, produzidos por equipes de roteiristas, produtores e pedagogas, alimentavam a programação da OC, uma série de programas em co-produção para a grade do SINRED - Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa e os espaços obrigatórios estabelecidos pela Portaria 568/80 do MEC, nos moldes do antigo Projeto Minerva, com aulas radiofônicas do Curso Supletivo do I Grau complementadas por alguns especiais musicais e documentários.

Tentando resolver a difícil equação de ser rádio educativo - portanto sem fins lucrativos e, conseqüentemente, sem necessidade de preocupação com índices de audiência - mas, ao mesmo tempo, ter uma audiência - sem a qual nenhuma emissora faz sentido -, a coordenação da RE acabou por elitizar a programação da FM, que funcionava exatamente como as demais emissoras comerciais da época: um grande vitrolão (freqüentemente utilizado como música de fundo em consultórios e supermercados) entrecortado por pequenos noticiosos e, ao fim da noite, especiais musicais gravados. Como diferencial, apenas a inexistência de comerciais e de música popular estrangeira.

Essa postura da direção dividia o corpo de funcionários em dois grandes blocos: os que ela considerava aptos a trabalhar para o público de gosto sofisticado da FM, caso dos jornalistas; e os que só podiam trabalhar para a OC, caso dos produtores. Pior ainda, alimentava o preconceito por parte dos jornalistas em relação aos produtores, aliás, um incompreensível preconceito, já que os programas educativos tinham sua qualidade atestada por órgãos como o SINRED e a ABT.

Em resumo, a **Rádio Educadora FM** tinha uma seleta audiência, alto índice no IBOPE, mas pecava no compromisso com o educativo.

BREVE CURRÍCULO DE ZÉ WILSON

Aquele moço de aspecto frágil, com profundas olheiras e cabelo desarrumado, chegou na **RE** carregando duas grandes paixões: o rádio e a Bahia.

Sua história no rádio incluía a Jovem Pan, o radiojornalismo da Globo e a implantação do setor de rádio para divulgação dos atos do governo de Franco Montoro, em São Paulo. Mas



teve passagem também na gravadora Som Livre e trabalhava como *free-lancer* na redação de textos humorísticos para programas de TV.

No auge da repressão da ditadura militar, refugiou-se na Prelazia de São Félix do Araguaia (MT), uma diocese da Igreja Católica que atende a onze municípios com longa história de injustiças sociais, para participar do trabalho de base de D. Pedro Casaldáliga, desenvolvendo atividades de educação comunitária para conscientização política dos trabalhadores rurais³. Mais tarde, foi chefe de redação da *Empresa Brasileira de Notícias* – EBN (atual *Radiobrás*), em Brasília, quando introduziu uma série de inovações na **Voz do Brasil**: substituiu a abertura com a ópera “O Guarani” por outra mais leve, mudou a estrutura do programa e introduziu *flashes* de reportagem de várias regiões do país.

Em fins de 1985, retornou à Bahia, onde já havia trabalhado no antigo *Diário de Notícias*, dos *Diários e Emissoras Associados* de Assis Chateaubriand; vinha chefiar a redação da EBN local. Em 1986, foi convidado a coordenar a campanha de rádio de Waldir Pires como candidato ao governo do Estado, “trabalho que desenvolvia após o turno da EBN, nas noites e madrugadas, assessorado por uma equipe reduzida e numa estrutura que deixava muito a desejar, mas que recebeu prêmios nacionais. Premiada, também, foi a campanha da candidatura à Prefeitura de Salvador de Virgildásio Senna, por ele coordenada, e executada praticamente com as mesmas dificuldades.” (Paulafreitas, 1991)

Em 1987, ele chegava para dirigir o Centro de Rádio do IRDEB e inaugurar uma nova era na **RE**.

A PROGRAMAÇÃO MUSICAL

Por conhecer a carência de bibliografia sobre rádio educativo, considerei importante apresentar ao menos parte da grade de programação da gestão de Zé Wilson. Para recompô-la, contei com a minha memória e a de alguns colegas.

A programação da **RE** passou a sustentar-se no tripé: música, jornalismo e participação do ouvinte. A programação musical abrangia um leque de gêneros e estilos: da

³ - O bispo é um dos símbolos da Igreja Progressista e da Teologia da Libertação: fundador da *Comissão Pastoral da Terra* e do *Conselho Indigenista Missionário*, denunciou a existência de trabalho escravo no país em pleno governo Médici. Recentemente, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Unicamp.



tradicional música erudita aos mais recentes lançamentos de artistas locais. Foi abolido o boicote à música estrangeira e afirmado o compromisso com a qualidade, independente de sua nacionalidade. Havia a preocupação de dar espaço ao que não estava nas paradas de sucesso, e era comum ouvir-se dizer “isso só toca na Educadora”. Nesse caso, tanto podiam estar se referindo a um baião de Luiz Gonzaga como à mais nova música instrumental baiana. Em entrevista ao jornal A Tarde, Olívia Soares, gerente de jornalismo e programação, explicava: “Tocamos desde Jacob do Bandolim até as inovações vanguardistas de um Itamar Assumpção ou uma Vânia Bastos: por exemplo, somos os únicos a estar tocando o último disco de Eliete Negreiros, que é lindo, mas uma cantora que pouca gente conhece.” (Lôbo, 1989)

A discoteca possuía um acervo de oito mil discos, e a **RE** não usava o chamado “listão” (hoje substituído pelo *playlist* dos *software* de emissão), prática muito comum nas demais emissoras, que consistia em escolher cerca de 50 músicas de trabalho e tocá-las variando apenas a ordem da seqüência, quando muito. A equipe de programadores era orientada para renovar a programação diariamente, o que a deixava sempre variada e longe do previsível.

A **Seleção do Ouvinte**, criada em gestão anterior, foi mantida e ampliada, por ser um precioso espaço de interatividade. Enquanto outras emissoras ignoravam qualquer pedido que estivesse fora do listão, a **RE** respeitava o gosto do ouvinte. Isso dava trabalho, era preciso manter uma telefonista e um programador para cada edição, além de mobilizar um discotecário só para esse fim, mas conquistava a confiança do ouvinte que esperava ser atendido. A **Seleção do Ouvinte** ia ao ar em duas edições: das 11:00 às 12:30 e à tarde, das 16:30 às 18:30.

RADIOJORNALISMO

Como se sabe, a prática conhecida como *gillette-press*, que consiste em alimentar o noticiário com informações de agências de notícias e matérias veiculadas em jornais locais e do eixo Rio-São Paulo era comum nas redações das emissoras de rádio, e assim é ainda hoje, com alguma alteração devido ao avanço tecnológico, que provocou a substituição do telex pela internet, do suporte em papel pelo hipertexto. O radiojornalismo assim praticado tem a mesma cara em várias emissoras e acaba por valorizar os fatos dos grandes centros urbanos,



acontecidos a milhares de quilômetros de distância, em detrimento de notícias locais, tornando-se, assim, de pouco interesse para o ouvinte, especialmente para a população de baixa renda, justamente aquela que, muitas vezes, só tem o rádio como meio de acesso à informação. Constituído dessa forma, presta um desserviço e contribui para um alheamento dos ouvintes quanto ao que acontece na sociedade à sua volta.

Na gestão de Zé Wilson, o radiojornalismo da **RE** deu um salto qualitativo e quantitativo. O número de repórteres dobrou, eles foram para as ruas e passaram a falar ao vivo. Depois de muita briga, o CRA conseguiu de volta o seu fusquinha com VHF e os repórteres, que só estavam fazendo externa com o uso do gravador, passaram a entrar ao vivo na programação, destacando-se Conceição Araújo, que fazia cobertura política transmitindo diretamente da Câmara dos Vereadores e da Assembléia Legislativa, e Artur Carmel, que podia se apresentar “falando de qualquer ponto da cidade”.

De segunda a sexta, havia três edições de radiojornais: o **Primeira Edição** ia ao ar às 07:00; o **Segunda Edição**, às 13:30 e o **Terceira Edição**, às 18:30. Apresentavam notícias locais, nacionais e internacionais, entrevistas e reportagens. Seus editores eram José Sinval, Diogo Tavares e Valença Filho, responsáveis também pelo **Primeira Edição em Revista**, veiculado aos sábados, às 07:00, com uma hora de duração. Esse radiojornal de sábado era mais leve e, como quer uma revista, apresentava diversas seções, entrevistas com personalidades e a crônica da semana, que tanto podia ser resgatada de publicação em jornal e previamente autorizada para reprodução na rádio, como as de Armando Oliveira, quanto podia ser assinada por um dos redatores da casa, fosse lotado no Jornalismo ou na Produção, caso de José Balbino e seu invejável senso de humor. Tudo isso mais os boletins, de hora em hora, chamados **Manchete Educadora**.

O **Jornal da Cultura**, com informações sobre shows, lançamentos de livros, discos e filmes, *vernissages*, palestras e demais eventos da área cultural, tinha uma edição diária, às 11:30, e era produzido por Gutemberg Cruz, o incansável gerente de Produção especialista em MPB, também autor de inúmeros especiais musicais. Havia, ainda, o **Jornal de Economia**, uma edição diária às 17:30 (Diogo Tavares), e o **Jornal do Esporte**, às 12:30 (José Bonfim).

O **Cinema na Educadora**, produzido por Agnes Cardoso e apresentado por Antonio Carlos Nunes, ia ao ar aos sábados, com 10’ de duração. Tinha notícias de cinema de todo o mundo, o roteiro dos filmes em cartaz, encerrando com uma música-tema.



Fazia-se jornalismo de verdade, “podendo entrar no ar a qualquer momento; cobertura de eventos políticos, esportivos, culturais, shows ao vivo... tudo que acontecia na cidade era registrado pela emissora, inclusive nossas tradicionais festas populares” (Soares, 2003), ficando na memória a cobertura da procissão marítima de Bom Jesus dos Navegantes, em 1º do ano de 1988, transmitida de um saveiro que atravessava a Baía de Todos os Santos.

A GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

A Gerência de Produção, que reunia 26 roteiristas, produtores e pedagogas, também sofreu grandes reviravoltas. Se, antes, estávamos praticamente impedidos de veicular nossos produtos na FM, agora as portas estavam abertas, e éramos incentivados a experimentar. Toda idéia era bem vinda e analisada cuidadosamente; às vezes bastava um pequeno ajuste, e o programa era produzido. Mas houve resistência por parte de alguns produtores, habituados a um processo que compreendia muita formalidade e que impedia a agilidade necessária a um veículo como o rádio.

Para compreensão da mudança, é preciso explicar que, nas gestões anteriores, a Gerência de Produção tinha dois núcleos: o de Programas Culturais e o de Programas Instrucionais. O primeiro realizava documentários e especiais sobre aspectos da cultura: musicais, comemorativos de efemérides, personalidades históricas, festejos, etc. O segundo era responsável pelas aulas do Curso Supletivo; exigia a presença de um especialista em conteúdo (enviado pela Secretaria de Educação) e de um pedagogo. Como o Centro de Material Impresso havia sido reestruturado e se transformara no Centro de Planejamento e Produção Pedagógica – CPPP, a nova direção da **RE** entendeu que todas as pedagogas e alguns roteiristas encarregados das aulas radiofônicas deveriam ser para ele transferidos, permanecendo no CRA apenas os profissionais do Núcleo Cultural.

A medida gerou polêmicas e uma reação das pedagogas, que se sentiram preteridas pela nova direção. Acontece que o CRA vivia uma situação paradoxal: embora a Gerência de Produção tivesse um número grande de funcionários, a maioria estava treinada para a elaboração de aulas, e faltavam roteiristas para atender à demanda da nova grade que começava a tirar a FM da situação de vitrolão e introduzia muitos programas novos. Sobrava aqui, faltava ali. Por um lado, a estrutura de funcionalismo público impedia a contratação de



profissionais; por outro, estávamos presenciando o fim dos programas do Curso Supletivo, e os especialistas em aulas radiofônicas – que, lembre-se, jamais tinham escrito uma linha para a FM - iriam ficar ociosos.

Enquanto estávamos nesse impasse, que envolvia não só o CRA como o CPPP, a Associação dos Funcionários do IRDEB - AFI promoveu um seminário interno para que se pudessem discutir questões básicas como a filosofia da instituição, as políticas de trabalho, as mudanças no cenário nacional da educação a distância, as alterações no organograma e as funções de cada setor. Foi solicitado a cada coordenador de centro que apresentasse um documento com suas propostas, a que chamaram de “tese”.

Em sua tese, Zé Wilson deixava claro que o trabalho no CRA tinha “que levar em conta o momento político, sócio-econômico e cultural que o país e o estado estão vivendo”. Só para lembrar, estávamos em 1987, e o momento era de transição, de redemocratização do país – só teríamos nossa primeira eleição direta para presidente daí a dois anos. Segundo ele,

Os meios de comunicação de massa, devido ao seu forte poder de penetração e persuasão, foram e ainda estão sendo utilizados para disseminar ideologias e formar consciências, a serviço da manutenção do poder da minoria dominante. Através desses meios, centrais de informação instituem idéias, comportamentos e valores como sendo os ideais para a sociedade, e criam novos mitos que, pela sua grandiosidade, pretendem diminuir a crença da população na sua própria história, na sua própria força. Os meios de comunicação de massa, ao mesmo tempo que nos sonégam informação sobre a nossa realidade e a nossa história, ainda produzem uma cultura unificada, universal e consumista, que nos induz a viver em função de uma realidade com a qual não temos identidade. (Wilson, 1987:2)

Para destacar a visão de futuro de Zé Wilson, é importante transcrever o seu conceito de educação, bem próximo do que a LDB de 1996 viria a especificar nove anos depois, e o de rádio educativo, bem semelhante ao de rádio cidadã.

Concebemos a educação como uma ação política que detém mas ultrapassa o trabalho pedagógico convencional (métodos, sistemas, currículos, etc.) e se propõe a preparar o homem para a vida, para o exercício da cidadania, a fim de que ele:

- compreenda seus direitos e deveres tanto como ser humano quanto como ser social, elemento de uma comunidade (consciência do direito à saúde, educação, etc.).
- respeite e faça respeitar os direitos de liberdade de crença (filosófica, religiosa, política...) e de ação.
- compreenda que os bens do Estado são bens da população e preserve seu patrimônio cultural e histórico.



- elimine em si e nos demais qualquer forma de preconceito (classe, raça, sexo, idade...) que venha a provocar discriminação.

- compreenda a extensão de sua força quando unido e organizado (cobertura de greves, sindicatos, associações...).

Rádio educadora – aquela que contribui para o desenvolvimento integral do homem, num processo permanente de discussão e avaliação do seu comportamento na sociedade (no que diz respeito à totalidade de suas experiências). Para tal, deve ser democrática e participativa.

Rádio democrática – aquela que não discrimina nenhum segmento da sociedade, considerando-os de igual valor, e registra os interesses desses grupos independentemente de suas crenças, opiniões e ações. Para tal, deve ser participativa.

Rádio participativa – aquela que permite que o ouvinte seja um elemento ativo na programação, com direito a participar do processo de planejamento, execução e avaliação, recebendo e passando informações, o que implica em constante troca de experiências.

Ainda nesse documento ele especifica a filosofia a ser seguida:

As quatro linhas de ação através do rádio concentradas no IRDEB (FM, OC, Portaria 568 e co-produção com o SINRED) podem vir a representar um importante fator de apoio à luta do povo baiano para evoluir no conhecimento da realidade em que vive, organizar-se e contribuir para a transformação da realidade política, econômica, social e cultural do país. Devem retratar os mais amplos aspectos do momento em que vivemos, proporcionar debate sobre as questões fundamentais, veicular as mais variadas opiniões, chamar a atenção para os direitos do cidadão, enfatizar as lutas pela justiça, a dignidade do homem e sua força quando organizado, tornando-se, desta forma, um fiel repórter de seu tempo, sem esquecer que, apesar de estar em mãos do Governo Democrático, pertencem ao Estado, ou seja, à população.” (Wilson, 1987:3)

Algumas pedagogas se adequaram à nova situação e passaram a produzir. Aos poucos, todo o corpo de produtores foi se adaptando e compreendendo aquele momento em que se empreendia um trabalho de educação para a cidadania.

A PRODUÇÃO DA PRODUÇÃO

Aquele foi, sem dúvida, um tempo em que não se tinha medo de experimentar (e em que outro gênero de emissora se pode realizar experiências, sem ter que prestar contas a um patrocinador?). O próprio Zé produziu uma adaptação da ópera **Porgy and Bess**, de George Gershwin, e apostou que daria certo a radiodramatização de tiras de quadrinhos publicadas



pelo cartunista Lage no jornal Tribuna da Bahia, para ilustrar um programa especial sobre o artista.

Algumas produções de grande aceitação junto ao público foram mantidas, a exemplo do **Música erudita**, produzido por Tom Tavares e veiculado de segunda a sexta, às 20:00, e o **Pra lembrar com saudade**. Este famoso programa de Letícia Barbosa, antes veiculado apenas em OC, passa a integrar também a grade da FM. A produtora usava a sua fabulosa coleção de LPs que guardava algumas raridades, e ia contando a história de cada música.

Muitos novos programas foram criados na gestão de Zé Wilson:

Música, sempre música – mini-programa de 5’ produzido por Tom Tavares, com várias inserções na programação. Tinha por objetivo familiarizar o público com a música erudita. Para tanto, eram selecionados trechos mais conhecidos de peças clássicas.

Canto da terra – programa semanal produzido e apresentado pelo cantor e compositor Fábio Paes, destacava a música regional, especialmente a música de viola.

Jam session – programa de jazz apresentado por um aficionado do gênero que cedia sua própria discoteca pelo prazer de compartilhá-la com o público. Sábados, às 20:00.

Bossa, eterna bossa – produzido por Gutemberg Cruz e veiculado aos sábados, às 16:00, fazia um passeio pela Bossa Nova, de João Gilberto a Cazusa.

Instrumental Brasil – música instrumental brasileira, veiculado aos sábados, às 22:00.

Domingo especial – destaque para a música baiana.

Super Repórter – projeto experimental de dramatização de notícias com muita sonoplastia, realizado por Valença Filho.

Carta do Ouvinte – levado ao ar aos domingos, era produzido em função de uma carta de ouvinte solicitando tema de sua predileção.

Poemas e canções – produzido por Celimar Veiga, mostrava a trajetória de um poeta, ilustrada com músicas e poemas. Sempre que possível, com poemas ditos pelo próprio autor.

Fazendo arte – programa semanal produzido e apresentado por Adelyne Lacerda, apresentadora da TVE que se engajou voluntariamente na nova proposta da RE, e o músico



Marcelo Alfaya. Temático, enfocava instrumentistas, compositores, determinado gênero ou ritmo.

Gente da gente – produzido por Letícia Barbosa, apresentava as revelações da música baiana. Aliás, esse foi um diferencial da RE naquela época: valorizar os músicos, compositores e intérpretes locais, que muitas vezes tinham ali seu único espaço na selva da indústria cultural.

Momento feminino – dirigido ao público feminino, era apresentado por Sônia Medeiros e produzido por Telma Costa e Celeste Dantas. Programa diário, ao vivo, com uma hora de duração, veiculado no início da tarde, era uma revista com diversos quadros: entrevistas, beleza, culinária, saúde da mulher, entre outros.

Falando de Saúde – produzido por Elza Ramos e Marinalva Sant'Anna, era uma entrevista de 20 minutos com um médico especialista, abordando as diversas fases da vida e as doenças específicas de cada uma, com ênfase na prevenção.

Pelos caminhos da Bahia – cada programa era dedicado a um município baiano e abordava aspectos como a origem, história, economia, cultura, folclore, pontos turísticos, culinária, etc.. Produzido por Letícia Barbosa.

Retratos da cidade – Produzido por Marinalva Sant'Anna e Neise Mare, fez um mapeamento dos bairros da cidade do Salvador, privilegiando os periféricos. Reconstruía a história da comunidade através de entrevistas com os moradores mais antigos e pessoas representativas, como diretores de escolas e presidentes de associações de bairro. Mostrava as origens, o desenvolvimento, a estrutura sócio-econômica, peculiaridades, cultura, etc..

Palavra de mulher – produzido e apresentado por Ayêska Paulafreitas, às 16:30, ao vivo, o programa, inicialmente com apenas 5', era uma reflexão sobre tema polêmico e atual. Ganhou mais espaço e passou a apresentar entrevistas com personalidades. Não se dirigia especificamente ao público feminino; era o principal lugar de fala da mulher na **RE**.

Viva a vida – Programa de variedades diário, ao vivo, às 09:00, tinha produção de Letícia Barbosa e apresentação de France Bruno, com entrevistas, músicas e algum noticiário. Foi substituído pelo Ensaio Geral.



Ensaio Geral – Revista radiofônica produzida por Leticia Barbosa e José Barreto, que apresentava o programa. Ia ao ar ao vivo, diariamente, das 08:00 às 10:00, levando notícias, comentários, músicas, poemas e entrevistas com personalidades. O programa fez tanto sucesso que era agendado por produtores de grandes eventos com artistas nacionais em Salvador. Por ele passaram todos os candidatos à presidência da República que estiveram na Bahia em 1989 e o legendário Luiz Carlos Prestes.

Alguns outros programas merecem uma descrição mais detalhada, seja por seu pioneirismo, seja por seu caráter de resgate do antigo rádio da década de 40.

HORÁRIO PIRATA e AFRO BAHIA

Antecipando em onze anos o decreto que regulamentou as rádios comunitárias em 1998, foi levado ao ar, em 1987, o **Horário Pirata**. O programa, idealizado por Selma Capinan, era uma tentativa de proporcionar um lugar de fala e de visibilidade pública às minorias, compreendidas aqui não quantitativamente, mas conforme Muniz Sodré, que as entende como grupos de pessoas que lutam pelo direito à fala que lhes foi negada, se não no todo, ao menos em grande parte.

Até então, a **RE** já havia veiculado, em OC, programas para o “homem do campo”, com esclarecimentos sobre agricultura, e várias séries dirigidas às populações carentes do interior, com noções básicas de saúde envolvendo questões de higiene, alimentação, utilização de recursos naturais, além de outros tantos que tinham por objetivo valorizar a cultura regional, com músicas, poemas, festejos, credices. Mas o discurso foi sempre de quem já tinha o direito à fala, em nada contribuindo para a formação dessas identidades. Como explica Vera França, em artigo sobre a constituição do sujeito, nas sociedades estratificadas como a nossa, dividida em “nós” e “os outros”, o outro não fala, é falado. E isso se reflete especialmente nos meios de comunicação de massa, onde as minorias, quando não são meros figurantes, aparecem protagonizando cenas de crime e violência.

O grande diferencial do **Horário Pirata** foi fazer com que essas minorias deixassem de ser o objeto do discurso de especialistas letrados, e se constituíssem no sujeito de seu próprio discurso, contribuindo, assim, para o aumento de sua auto-estima, para a constituição



de sua identidade e seu processo de organização. Dele participaram entidades de classe, associações de bairro, sindicatos, como a UNE, a APLB e o Movimento de Educação Popular.

O **Horário Pirata** era veiculado diariamente, perto da hora do almoço. Tinha 30' de duração e era produzido por Selma Capinan, Celimar Veiga e Janice Mendonça. Funcionava assim: representantes de uma comunidade se inscreviam e marcavam a entrevista com as coordenadoras, que orientavam os interessados quanto aos procedimentos básicos – número de pessoas no estúdio, escolha de figuras representativas do grupo, eventualmente algum artista, etc. – e agendavam a data da gravação, realizada em dois dias da semana, um deles o sábado. O programa era gravado, mas as instituições tinham liberdade de escolher o conteúdo e a formatação. Fazia-se o possível para fechar o tempo de gravação em 30', evitando uma edição que já implicaria em interferência.

Mesmo assim, o programa incomodou muito e foi tirado do ar pela direção geral do IRDEB, mas um grupo conseguiu um espaço próprio: o Movimento Negro Unificado. O MNU tinha um representante dentro do CRA, o professor Jônatas Conceição da Silva, integrante da diretoria do bloco carnavalesco Ilê Aiyê, que desenvolve ações de educação para a cidadania na comunidade onde foi criado, o bairro da Liberdade. Jônatas criou o programa **Afro Bahia**, veiculado semanalmente, à noite, na FM. Espaço de fala da negritude baiana, e voltado para os interesses desse segmento da população, tinha por objetivos valorizar a cultura de origem negra, estimular a auto-estima, denunciar ações discriminatórias, mobilizar grupos, divulgar eventos, a literatura e a música de compositores e intérpretes negros de toda a parte do mundo. O programa se destacava pelas entrevistas com militantes e intelectuais e pela seleção musical.

RÁDIO TEATRO EDUCADORA

Numa tentativa de resgatar a radiodramaturgia característica da chamada Era do Rádio dos anos 40, foi lançado o **Rádio Teatro Educadora**. O projeto era pioneiro no Nordeste, existindo algo no gênero apenas na Rádio MEC, no Rio, e na USP. A proposta era adaptar para o rádio peças de teatro de grande aceitação e fazer uma parceria com a Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia - UFBA. O segundo passo era uma minissérie, e o objetivo final, uma radionovela com texto inédito, em capítulos diários. O elenco de radioatores foi



formado com o pessoal da casa, junto a professores e alunos da Escola de Teatro que iriam ter pela primeira vez a experiência de interpretar usando como único recurso a voz. Para a realização do projeto foi montada uma equipe, sob a coordenação de José Enrique Barreiro: Fernando Freire (direção de elenco e de gravação), Carlos Johnny (contra-regragem e sonoplastia), Ayêska Paulafreitas (roteiro e adaptação de texto), Marinalva Sant’Anna (apoio pedagógico) e Reinaldo Teles (técnico de gravação).

O **Rádio Teatro Educadora** estreou em 6 de dezembro de 1987, levando ao ar a peça **O juiz de paz na roça** de Martins Pena. No elenco, os atores Paulo Pereira, Ednéas Santos, Antônio César, a radioatriz Livia Silva, Pedrina Araújo e Rui Boeira. Nos meses seguintes foram exibidas: **A exceção e a regra**, de Bertold Brecht, **Picnic no front**, de Fernando Arrabal, e **Contraponto para duas vozes**, de Jorge Diaz, peça encenada meses antes no teatro Santo Antônio, anexo da Escola de Teatro.

Em 16 de maio de 1988, ia ao ar a primeira minissérie, em cinco capítulos. A peça era **O berço do herói**, de Dias Gomes, que havia motivado muita polêmica nos anos 60, quando sofreu censura, e foi mais tarde adaptada para a TV, sob o título de “Roque Santeiro”. O elenco era formado por Orlanita Ribeiro, Bertrand Duarte, Ricardo Bittencourt, Torquato Filho, Júlio Góes, Inaldo Santana, as radioatrizes Sônia Medeiros e Livia Silva e locutores da casa, com a participação especial do violeiro José Anderson.

O projeto ia de vento em popa, mas empecilhos de ordem burocrática, próprios do serviço público, interromperam os trabalhos. O cachê prometido aos atores não saía, o material de sonoplastia era arrumado com a boa vontade de todos – me lembro bem de Fernando e Johnny arrastando galhos de árvore pelos corredores para criar a atmosfera de **Picnic no front**, e de uma enorme bacia de alumínio levada por mim para aparar uma “chuva no telhado” no estúdio, que acabou perdida por lá.

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

Mais tarde, e com muito empenho, Zé Wilson conseguiu, para a **Hora Certa**, o primeiro apoio cultural da história da rádio. Conseguiu também conquistar a maioria dos funcionários do CRA, que se tornaram seus grandes colaboradores. Mas uma série de problemas de saúde provocou seu afastamento. A princípio, seu sucessor Chico Bruno



manteve quase tudo como estava, mas, devido a mudanças políticas, também foi substituído, assim como toda a equipe que trabalhara com Zé Wilson. O governador Waldir Pires renunciara ao cargo para candidatar-se a vice-presidente da República, na chapa de Ulisses Guimarães. Como se pode prever, muda o governo, muda tudo de novo. A história se repete.

O Centro de Rádio começou a definhar, e nós, funcionários da casa, começamos a assistir ao princípio do fim. Estarrecidos, presenciamos fogueiras de scripts e outros documentos, doações de discos, fitas com gravação de programas no lixo e redução drástica do pessoal. Com o sucateamento, a **RE** voltou ao vitrolão, desta vez de gosto duvidoso, e o jornalismo foi reduzido ao mínimo obrigatório. Foi assim até a próxima mudança de governo, com todas as conseqüentes mudanças em todos os escalões. E nós vimos chegar uma nova equipe cheia de idéias para começar tudo de novo – a síndrome das emissoras educativas atreladas ao Estado.

Quanto a Zé Wilson, em 1989 coordenou mais uma campanha política de rádio, a de Lula à presidência da República e, em seguida, foi trabalhar na prefeitura de Santo André (SP). Hemofílico e portador do vírus da aids, seu quadro clínico agravou-se, obrigando-o a mudar-se para São Paulo, onde morreu em dezembro de 1990. Deixando saudades.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A TARDE. “Texto de Martins Pena revive o rádio-teatro”. Caderno 2. Salvador, 8/dez./1987, p.5.
- LÔBO, Clodoaldo. “Nas ondas da Educativa”. ATarde. Revista da Tevê. Salvador, 17/set./1989, p.4.
- PAULAFREITAS, Ayêska. “Zé Wilson: sem medo de ser feliz”. Tribuna da Bahia. Salvador, 14/jan/1991.
- PEROBA, Ângela. “Resgate com cara nova”. JORNAL DA BAHIA. Revista. Salvador, 6 /dez/1987.
- TRIBUNA DA BAHIA. “No ar a sua novela radiofônica”. Variedades. Salvador, 5/dez/1987, p.1.
- TRIBUNA DA BAHIA. “Uma novela para se ouvir no rádio”. Salvador, 16/mai/1988.
- WILSON, José. “Uma proposta para os produtores”. Documento apresentado em Seminário interno no IRDEB, que reuniu coordenadores e funcionários dos três Centros. s/d.

SITES

- COSTA, Florência. “O bispo e os sem-terra”. *IstoÉ*. Disponível em www.terra.com.br/istoe/1622/brasil/1622_bispo_sem_terra.htm. Acessado em 18/04/03.
- FRANÇA, Vera R. Veiga. “Convivência urbana, lugar de fala e construção do sujeito”. Disponível em <http://www.ilea.ufrgs.br/intexto>. Acessado em 10/04/2003.

ENTREVISTAS

- CAPINAN, Selma. Depoimento via telefone, em 29/04/2003.
- CARDOSO, Agnes. Depoimento via telefone, em 25/04/2003.
- SANT’ANNA, Marinalva. Depoimento via e-mail, em 08/04/2003.
- SOARES, Olívia. Depoimento via e-mail, em 09/04/2003.
- VALENÇA FILHO, Sebastião. Depoimento via e-mail, em 08/04/2003.
- ALVES, Neise Maré de Souza. Depoimento via e-mail em 26/04/2003.